

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Sentidos de gênero/masculinidade e trabalho docente atribuídos pelos homens professores que atuam em sala de referência na Educação Infantil.

Eliane Gatto¹

gattoeliane@hotmail.com

Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI

Ana Claudia Delfini²

anaclaudia@univali.br

Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI

RESUMO

A educação infantil, também conhecida como primeira etapa da educação básica, atende crianças de zero a cinco anos de idade. Nesta fase terão o primeiro contato com a escola e por isso demanda de uma série de cuidados. É considerada por muitos pesquisadores como uma das mais importantes etapas da formação da criança, por ser o local de convívio com outras pessoas fora do convívio familiar. Sendo assim os sentidos de gênero/masculinidade e trabalho docente atribuídos pelos profissionais que trabalham com essa fase também precisam ser estudados. Este artigo teve como objetivo analisar as dissertações e teses mapeadas no estado de conhecimento efetuado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), órgão de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT), que tratam sobre os sentidos de gênero e trabalho docente atribuídos por homens que atuam na educação infantil, como também reflexões sobre a necessidade de se incluir o tema masculinidades quando se trata da presença do homem na educação infantil que é uma delimitação desta pesquisa. A pesquisa segue abordagem qualitativa descritiva por se tratar de uma abordagem inicial da pesquisa. Os resultados demonstram que a precarização do trabalho e o adoecimento dos professores na educação infantil é uma realidade a ser observada, avaliada e tratada, como também é necessário olhar para os homens que atuam na educação infantil como professores, preconceitos e outros desafios que enfrentam por trabalhar num ambiente considerado feminizado. As considerações, obtidas nesse estudo, fortalecem a ideia de que se faz necessário intensificar as pesquisas que analisam a formação inicial e continuada dos professores na temática gênero/masculinidade, como também avaliar políticas públicas que gerenciam o fazer pedagógico do professor

PALAVRAS-CHAVE: Professor homem. Educação infantil. Sentidos do trabalho docente. Masculinidade. Gênero.

ABSTRACT

Early childhood education, also known as the first stage of basic education, serves children from zero to five years old. At this stage, they will have their first contact with the school and therefore require a



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



series of care. It is considered by many researchers as one of the most important stages of the child's formation, as it is the place where people interact outside the family. Therefore, the meanings of gender/masculinity and teaching work attributed by professionals who work with this phase also need to be studied. This article aims to present existing discussions about the meanings of gender and teaching work attributed by men who work in early childhood education, as well as reflections on the need to include the theme of masculinity when it comes to the presence of men in early childhood education, which is a delimitation of this research. The research follows a descriptive qualitative approach because it is an initial research approach. The results demonstrate that the precariousness of work and the illness of teachers in early childhood education is a reality to be observed, evaluated and treated, as it is also necessary to look at the men who work in early childhood education as teachers, prejudices and other challenges they face for work in an environment considered feminized. The considerations obtained in this study strengthen the idea that it is necessary to intensify the research that analyzes the initial and continued training of teachers in the gender/masculinity theme, as well as to evaluate public policies that manage the teacher's pedagogical work.

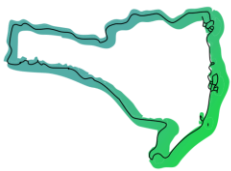
KEY WORDS: Male teacher. Child education. Meanings of teaching work. Masculinity.

INTRODUÇÃO

Este artigo intitulado Sentidos de gênero e trabalho docente atribuídos pelos homens professores de sala de referência da Educação infantil circunscreve-se no campo da Educação e Trabalho. Pensar gênero e docência remete à trajetória da minha vida como profissional de educação, porque implica na inserção em um sistema disciplinar e de controle que deixa marcas. Dessa forma, começo essa introdução repensando a minha trajetória e suas potencialidades, enquanto construção do novo. Contudo, começar dessa forma implica em olhar também aquilo que é obstáculo no sistema de ensino e que será o tema do meu trabalho de pesquisa que resultará em uma tese, que é pensar os limites dessa educação disciplinar e de biopoder frente às questões de gênero e de masculinidades na educação infantil, mostrando como a escola também é reprodutora de estereótipos e naturaliza conceitos.

Dentre os autores que tratam gênero, trago Scott (1995, p. 08) que diz que gênero é um conceito socialmente construído e é uma categoria política. Ele é um conceito utilizado para definir relações de poder.

As sociedades definem expectativas sobre cada gênero e a maneira como se relacionam com os outros. Espera-se que a mulher seja acolhedora e o homem mais rígido e prático. Essa expectativa nasce em torno da ideia de que há identidades masculinas e femininas e que a nossa personalidade é definida a partir do nosso gênero. Nega-se, portanto, que identidade e personalidade são construções sociais e que são formadas a partir de determinados símbolos e que estão sempre mudando. Para entender o



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



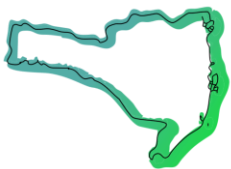
professor docente na educação infantil é preciso estudar a forma pela qual são educados os meninos. Sobre isso, Carvalho (2012, p. 410) enfatiza:

Sem dúvida, há aqui uma questão complexa a ser investigada na sociabilidade entre os próprios meninos, a fim de avaliar em que medida as pressões entre pares, a partir de certos referenciais de masculinidade e de heterossexualidade, interferem em seu comportamento diante da escola, da professora, do desempenho escolar e, por consequência, também na forma de seus cadernos.

Esse menino, que foi criado para gostar de azul, para brincar de carrinhos e de construção com blocos, que é estimulado a assistir desenhos com super-heróis e a “gostar” de meninas, não gostaria de ser professor. Dessa forma, há uma patologização da escola e comunidade escolar em geral em relação à docência do homem na educação infantil, que se dá a partir da crença de que o “menino não teria sido criado certo”. Nega-se a subjetividade desse sujeito, que faz escolhas a partir da sua história de vida e sentimentos, que não se referem à forma como a sociedade impõe a sua relação com seu gênero.

Como o foco da pesquisa será o homem, torna-se necessário refletir sobre as masculinidades. O conceito de “masculino” e “feminino” estabelecem relações sociais aparentemente neutras, como se fossem dados naturais e próprios da biologia humana. Nessa percepção, haveriam comportamento naturalmente esperados de mulheres e outros, diferentes, de homens. Contudo, assim como todas as classificações, “masculino” e “feminino” são conceitos historicamente datados e que nascem a partir de relações de poder dentro de determinadas culturas. Connell (1995) explica, de fato, que há um interesse dos homens em manter a hierarquia de gênero e o patriarcalismo. Dessa forma, a autora aponta que o conceito de masculinidade é sobretudo político, porque organiza a sociedade de forma a impor objetivos dos homens, em detrimento daquela das mulheres. As sociedades definem expectativas sobre cada gênero e a maneira como se relacionam com os outros. Espera-se que a mulher seja acolhedora e o homem mais rígido e prático. Essa expectativa nasce em torno da ideia de que há identidades masculinas e femininas e que a nossa personalidade é definida a partir do nosso gênero. Nega-se, portanto, que identidade e personalidade são construções sociais e que são formadas a partir de determinados símbolos e que estão sempre mudando.

Ao se tratar de professores homens que atuam na educação infantil, é importante trazer as reflexões de Oliveira, Donelli e Charczuk (2020) que apontam que a escola é o espaço da constituição ontológica desse ser social, então, estão constituindo seres sociais para reproduzir tabus e preconceitos da sociedade capitalista. Se não há lugar para o professor homem na educação infantil, então também não há lugar para sair da alienação.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Montenegro (2005) explica que sempre houve uma tensão entre a dimensão do cuidar e do educar na educação infantil. Durante décadas, a creche foi pensada como uma instituição para crianças pobres, cujas mães precisavam trabalhar e que, portanto, a creche era meramente uma instituição de dar assistência a essa criança, enquanto não havia quem cuidar dela. Hoje esse olhar passa por transformações. A educação infantil se tornou direito constitucional e se torna parte de um projeto de nosso país, que para além de cuidar e educar, pode propiciar disciplina, silenciamento e docilização dos corpos para crianças pequenas. Por isso o homem na educação infantil causa tanto estranhamento, pois no imaginário social é papel da mãe disciplinar, porque o pai estaria ocupando o seu espaço no mercado de trabalho.

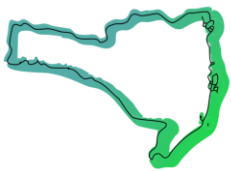
A inserção do homem em um campo de atuação considerado feminino no mercado de trabalho faz parte de um processo de dificuldades para sua consolidação, por vários aspectos bem como: culturais, salariais e a questão de gênero, que ocorre na educação infantil, por ser considerado um espaço predominantemente feminino, por se tratar do cuidar e educar.

Nessa perspectiva, analisar a possibilidade da existência de um estranhamento quando se trata da presença do homem como docente nas salas de referência de educação infantil passou a ser minha proposta de estudo e pesquisa. Portanto é necessário fazer com que as vozes desses homens sejam cada vez mais ouvidas e que eles tenham sua formação pautada no cuidado e na educação das crianças, possibilitando uma abertura cada vez maior para entrada desses profissionais na educação infantil, sem o peso do preconceito, tão forte ainda na carreira dos professores homens na educação infantil.

Assim, justificamos este artigo como forma de analisar a presença masculina nas salas de referência da educação infantil, os desafios por eles enfrentados e os sentidos que eles atribuem ao fazer docente e de gênero deles, a fim de dar voz a esses profissionais que escolheram e buscaram formação para trabalhar nesta área. Os sujeitos de pesquisas são professores homens que atuam em salas de referência de escolas públicas da Região da Associação dos Municípios da Região da Foz do Rio Itajaí – AMFRI/SC.

Como objetivos, este texto analisa as produções mapeadas com o estado de conhecimento efetuada na BDTD a partir dos seguintes objetivos: analisar os processos históricos da feminização do magistério e a construção social da feminilidade/masculinidade e identificar os processos de elaboração e atribuição de sentidos sobre gênero e trabalho docente na educação infantil por professores homens, procurando problematizar os desafios, preconceitos, medos, inquietações referentes a presença de um homem na sala de referência na educação infantil.

Com a finalidade de tornar a pesquisa confiável sob o olhar científico, busquei utilizar vários métodos, estudos e pesquisas para que o trabalho final apresente resultados e alcance a compreensão de



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



todos que irão ler o mesmo. Um desses estudos, que se mostra extremamente relevante na produção de um trabalho acadêmico, enriquece os conhecimentos e informações empregados nele e que apresento neste resumo, é o estado do conhecimento.

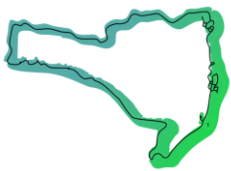
MATERIAIS E MÉTODOS

O estado do conhecimento é, de forma geral, uma forma de organizar e escrever a fundamentação teórica de um trabalho. Também pode ser considerada uma forma de fazer investigação científica sobre o tema. Essa busca se fez necessário a fim de termos clareza da quantidade de trabalhos existentes, sobre a temática de nosso interesse, os enfoques já discutidos e o que ainda não foi pesquisado, como cita Morosini et al. (2021, P. 106) “o indivíduo está minado de crenças e de saberes sobre o tema que escolheu investigar”. O estado de conhecimento está baseado e fundamentado em produções de dissertações e teses disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), órgão de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT), defendidas nos últimos 5 anos: 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022. Os filtros utilizados nessa busca foram: idioma português, área de educação, seguindo para título no recorte temporal de 2018 a 2022. O recorte temporal de 5 anos tem como objetivo trazer dados atuais para reflexão, como também perceber algumas lacunas nas pesquisas já realizadas que poderá ser contemplada com meu trabalho de pesquisa. Essa leitura levou a eliminação de alguns trabalhos em função da pouca ou nenhuma relação com o objeto de estudo dessa pesquisa. Após essa análise, foram selecionados 13 trabalhos.

RESULTADOS

Os objetivos das referidas pesquisas, quanto ao tema sentidos do trabalho relatam um desgaste do trabalho docente na educação infantil em função da desvalorização profissional, ‘descomprometimento’ das famílias, salas lotadas que resultam em desgaste e adoecimento dos profissionais. Os principais autores que fundamentam esses trabalhos são: Nóvoa (1995); Duarte (2000); Sabbag, (2017); Santana (2017); Mészáros(2011); Lukás (2013) e Soares (2006). Os resultados demonstram que foi necessário compreender as várias relações de gênero e classe social no processo de constituição identitária das professoras, revelando algumas determinações históricas, econômicas e políticas. Também ficou evidente que as profissionais se sentem desmotivadas diante dos desafios que o atuar pedagógico na educação infantil exige, levando-as ao adoecimento.

Já quanto aos trabalhos que envolvem a temática gênero e masculinidade na educação infantil os principais autores que fundamentam os trabalhos foram: Scott (1995, 1998), Louro (2007, 2012), Bosi



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



(1994), Dematini e Antunes (1993), Rodrigues (2014), Sarat (2004,2009) Pereira (2016) Sayão (2005) Carvalho (1999). Os resultados demonstram que a profissão de professor(a) da educação infantil é considerada ainda uma profissão feminina em função do cuidado para com as crianças. Ainda existem estereótipos, julgamento de valores, medo e desvalorização social do espaço ocupado pelos homens que atuam na educação infantil. Além disso, na construção dos papéis sociais em relação a gênero, comumente os homens ocupam funções de gestão na educação e o lugar da mulher é na sala de aula.

A ausência masculina nas salas de aula da educação infantil, já resultaram em discussões, ainda tímidas, no que tange aos os motivos que levam homens a escolherem como formação o Curso de Pedagogia e como campo de atuação a educação infantil. As pesquisas existentes apontam suposições e debates que visam entender e justificar os motivos pelas quais esses espaços de atuação profissional se construíram como um lugar incômodo e pouco atraente aos homens. Como afirma Sayão (2005, p.44-45),

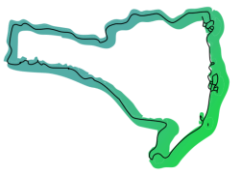
(...) se o gênero é constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres, obviamente pensar as ações no interior da creche implica pensar em relações engendradas não só do ponto de vista da identidade dos/as profissionais, mas também do ponto de vista das ações que os/as mesmos/as exercem sobre as crianças

Aos que aceitam exercer a profissão em salas de aula, na educação infantil, precisam superar suspeitas e questionamentos quanto às suas competências no que se refere ao cuidado e atenção necessária à educação de uma criança desta faixa etária. A educação infantil ainda é concebida como espaço de atuação da mulher, concebendo a escola como extensão de casa, na qual as crianças são “cuidadas” por substitutas de suas mães.

Segundo Martins e Rabelo (2006), ainda é forte o conceito em que as profissões ligadas à emoção, ao afeto e à sensibilidade são entendidas como femininas, enquanto as relacionadas à razão, à inteligência e à força são tomadas como apropriadas aos homens.

Em contrapartida, Carvalho (2010) defende que o papel ou papel social é o tipo de comportamento esperado por pessoas que ocupam um lugar dentro da sociedade, pois o funcionamento da sociedade tem sido vinculado às características e ao comportamento dos seres humanos. A repetição e estereótipo de comportamento se perpetuam no imaginário coletivo e na memória individual de forma obstinada.

Ser homem ou ser mulher é o resultado de um processo psicológico, social e cultural a partir do qual atribui um significado ao masculino e ao feminino. Os significados são constituídos por regras, obrigações, características, comportamentos, proibições, expectativas e valores que são transmitidos e reforçados nas pessoas como parte de um processo identitário para aprender a ser homem e mulher.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Vianna afirma que considerar o espaço da educação infantil como espaço profissional de sentido social feminino não está relacionado somente ao fato de sua maioria ser deste sexo, mas ao feminino que se refere às “visões apriorísticas divulgadas na sociedade e não somente ao sexo e/ou às mulheres” (2013, p. 174). Cita ainda Rosemberg e Saporoli (1996), quando dizem que a profissão de educador(a) infantil se constitui em um trabalho feminino por ser este o exercício de uma função desse gênero vinculada à esfera da vida reprodutiva, de cuidar e educar crianças pequenas.

Vale a pena nesta conclusão citar BEAUVOIR (1980) quando a mesma diz que “não só a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher, como também o homem, no decorrer de suas relações sociais e culturais, torna-se determinado homem, com características, preferências e formas de expressão próprias, podendo condizer ou não com as noções de masculinidade hegemônicas em sua comunidade”.

Quanto as perguntas de pesquisa citadas nos trabalhos selecionados para esse estado de conhecimento, que se referem ao sentido do trabalho docente, trazem uma preocupação referente ao adoecimento e precarização do trabalho docente na educação infantil. O docente da Educação Infantil faz parte de uma categoria de trabalhadores desvalorizados e precarizados. Deduz-se que todos os desafios mostrados tendem a proporcionar e agravar seu mal-estar e adoecimento. Os resultados quanto as questões de gênero/ masculinidade na educação infantil encaminham para reflexões que envolvem estereótipos, discriminação, julgamento de valores, medo e desvalorização social do lugar ocupado por esses homens e seu trabalho na Educação Infantil.

A busca pela temática “gênero, masculinidade e sentidos do trabalho docente na educação infantil” dentro do banco de teses e dissertações do Grupo de Pesquisa Educação e Trabalho da Universidade do Vale do Itajaí – Univali,. Sobre a temática sentidos do trabalho docente, no período de 2018 a 2022, encontrou-se dois trabalhos. Com a temática “gênero e masculinidade”, até o momento não existem publicações. Encontramos uma dissertação sobre “Sentidos de gênero e trabalho docente” que mais se aproxima da atual intenção de pesquisa. Sendo assim, a relevância desta pesquisa do curso de doutorado em educação está em trabalhar a temática trabalho docente na educação infantil investigando algumas das questões históricas, sociais e educacionais sobre o tema gênero/masculinidades na profissão docente na educação infantil na região de AMFRI-SC, discutindo o caráter reprodutor da escola, dos conceitos de sentidos do trabalho docente e gênero e sua incapacidade de ruptura com os mesmos.

Dessa forma, essa é uma pesquisa que se insere no tema do gênero em educação e que investigará o caráter das políticas educacionais, no que se refere à acumulação e reprodução de saberes estereotipados sobre gênero. Nesse contexto, tomaremos a escola como um espaço em que as relações de poder entre gêneros são mantidas e, para isso, entendemos que ao ouvir os professores, poderemos



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



apreender os sentidos que atribuem a seu trabalho e os desafios que encontram frente a tais relações de dominação.

Entender o caráter das políticas educacionais, do sistema de ensino e das práticas escolares pelas vozes de seus atores docentes trará dados de pesquisa novos, que possibilitarão avaliar se o projeto educacional brasileiro de manutenção do status quo se mantém ou se está em vias de superação.

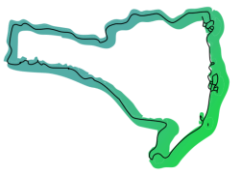
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse olhar que segrega o homem que é professor de crianças, a escola se torna uma reprodutora de desigualdades de gênero, porque as suas próprias práticas não são desconstrutivas e não são capazes de ressignificar os lugares sociais e as expectativas comportamentais lançadas sobre homens e mulheres.

A partir das leituras dos trabalhos de pesquisa com a dos autores, é possível perceber que a episteme capitalista, baseada na ciência cartesiana, não dá elementos suficientes para romper com os conceitos de homem e mulher como se tais conceitos fossem biológicos. A ruptura demanda uma educação decolonial, ou seja, que perceba que as respostas que o ocidente dá para as relações sociais são de dominação. Dentro dessa lógica colonial não há saída para a desigualdade de gênero. Por isso que apenas fora da educação neoliberal é que há saídas para esse *status quo* trazido pela literatura. Não há ruptura de nenhum tipo de desigualdade dentro da lógica neoliberal e hipercapitalista.

A presença masculina nesta fase, que demanda de cuidados físicos, higiênicos e acalento, culturalmente atribuídos às mulheres, é um desafio a ser superado pelos homens que escolhem trabalhar nessa fase, conforme apontam as pesquisas selecionadas para esse trabalho. Pesquisar sobre a existência de um estranhamento sobre o trabalho do professor homem na educação infantil é relevante, porque reflete os estereótipos de gênero ainda presente no sistema de ensino e como este se coloca como reprodutor dessas relações, possibilitando a acumulação de sentidos repletos de conceitos naturalizados sobre gênero.

Jaeger e Jacques (2017), em pesquisa com professores homens de educação infantil e identificaram que a profissão foi efetivamente normalizada como feminina, o que gera inúmeros problemas para os professores homens, contudo, notaram que há movimentos de resistência e negociação por parte desses professores, que optam por permanecer na profissão escolhida. Os autores apontam que há um processo denominado genereficação dos campos profissionais, no qual as profissões que demandam emoções, afetos e sensibilidade são tidas como femininas, porque demandam comportamento típicos de mulheres.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Contudo, as categorias de feminilidade e masculinidade são meras construções sociais, que mantêm relações de poder, legitimando que homens ocupem cargos no qual decisões sejam tomadas e mulheres sejam excluídas das demandas decisórias. Nesse contexto, há um estranhamento do homem ocupando um espaço profissional de cuidado, não de gestão e decisão. Os estereótipos, conforme mostram Jaeger e Jacques (2017) existem para marcar as relações de poder.

Para os autores a escola produz símbolos e significados que diferenciam os corpos de homens e mulheres. Há expectativas sobre suas aparências, seus modos de interagir com o outro e se comportar, o que resulta em percepções estereotipadas acerca do que é adequado para um homem e para uma mulher ser e fazer.

Essas representações sociais estigmatizadoras trazem essa genereficação dos campos de trabalho. Nesse contexto, o homem que faz pedagogia e ingressa como professor na educação básica, exerce uma resistência nesse campo profissional, na busca de legitimação do seu pertencimento ao espaço da educação infantil.

O que percebemos dos estudos é a percepção de que os professores se colocam nessa posição de resistência contra a masculinidade hegemônica. Contudo, o que nos parece contraditório que é esse percurso é individual, ou seja, é uma decisão subjetiva do docente, mas com pouco potencial de transformação, porque a escola não é uma instituição neutra e não está separada do discurso social. A escola é uma instituição reprodutora dos discursos que separação o masculino e do feminino e, ainda, é uma instituição que naturaliza esse discurso.

O acesso do professor homem na educação infantil ainda é um campo em disputa, não porque os homens estejam disputando cargos com as professoras mulheres, mas porque todo o sistema social está contra eles, especialmente familiares que olham com desconfiança esse professor cuja sexualidade não conseguiria controlar. Sendo assim é necessário ampliar as discussões sobre os sentidos do trabalho docente, como também, no que se refere a temática gênero, os conceitos de masculinidades e suas contribuições.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
CARVALHO, Marília Pinto de. Avaliação escolar, gênero e raça. Campinas: Papirus, 2010. v. 1. 128p.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



_____. O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula. Gender concept in the school day to day life. **Revista de Educação Pública**, v. 21, n. 46, p. 401-412, 2012. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/416>.

Acesso em: 15 mar. 2023

CONNELL, Raewyn. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**. 20(2). 185-26. jul/dez. 1995.

JAEGER, A. A.; JACQUES, K. Masculinidades e docência na educação infantil. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 545-570, 2017. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p545>

» <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p545>

MARTINS, António M.; RABELO, Amanda O. “A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério”. In: VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2006, Uberlândia. Anais... Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 6167-6176.

ROSEMBERG, F., e SAPAROLLI, E. (1996). O homem como educador infantil. In *Anais da 20ª Reunião da Anpocs*, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu.

MONTENEGRO, Thereza. Educação infantil: a dimensão moral da função de cuidar. **Psicologia da educação**, São Paulo, n. 20, p. 77-101, jun. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em maio 2023.

MOROSINI, M; SANTOS – K. P; BITTENCOURT, Z. Estado do conhecimento. Curitiba: CRV, 2021.

OLIVEIRA, M. A.; DONELLI, T. M. S.; CHARCZUK, S. B.. CUIDAR E EDUCAR: o sujeito em constituição e o papel do educador. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p. e213679, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/dD9SFJKWFqd9sZVc4pyT7vb/?lang=pt#ModalHowcite>.

Acesso em: 01 maio.2023.

SAYÃO, Deborah Thomé. *Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche* 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez. 1995.

VIANNA, C. P. (2013). A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In S. C. Yannoulas (Coord.), *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações* (pp. 159-180). Brasília, DF: Abaré.